

A campineira Anna brilhou no alvorecer da República

Domínio Público/Wikipédia

A trajetória discreta da segunda primeira-dama do Brasil na era de domínio político das elites agrárias

Por Ana Carolina Martins

Quando nos referimos à figura de primeira-dama no contexto político brasileiro, pouca importância histórica é dada a esta personagem de poder e prestígio, geralmente vinculada à memória popular mais recente, a partir do século 20, como atuante apenas em espaços de ação social.

O que poucos sabem é que uma das primeiras mulheres a ocupar esta posição, a segunda primeira-dama do país no período da República Oligárquica, foi uma campineira: Anna Gabriella de Campos Sales, que veio ao mundo em 24 de janeiro de 1850, quando a cidade pulsava ao ritmo da economia cafeeira e da formação da elite política paulista.

Décadas depois, ao lado do marido, Manuel Ferraz de Campos Sales (1841-1913) - este, filho de uma tradicional família de agricultores campinenses e um dos líderes do Movimento Republicano no Segundo Reinado de Dom Pedro II, que foi o segundo presidente eleito da República Brasileira - ela se tornaria a segunda primeira-dama.

Família e propriedades

Filha de família numerosa e tradicional, sua trajetória começou muito antes de ela pôr os pés no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro, sede do governo na época. Anna Gabriella cresceu em um ambiente no qual alianças familiares eram parte da engrenagem econômica, social e política.

Traduzindo: anteriormente à era do Romantismo no Brasil (meados do século XIX), os casamentos eram, essencialmente, acordos comerciais e estratégias familiares relacionadas a propriedades e bens diversos. Raramente o enlace tinha como premissa critérios relacionados a afinidades e/ou amorosos.

A menina se casa

Sem qualquer escuta sobre o que sentia e desejava, Anna, aos 15 anos, casou-se com o primo Manuel Ferraz de Campos Sales. A partir dali, deu a luz a dez filhos, enfrentando perdas ainda na adolescência e construindo a sua identidade dentro dos parâmetros que eram esperados para uma mulher de sua classe como esposa, mãe e administradora da casa.

Quando Campos Sales foi empossado como presidente da República, em 1898, o país ainda engatinhava para chegar a ser uma República de fato. E não existia um



Tela à óleo "A Pátria", de Pedro Bruno, no Rio de Janeiro, 1919 de 1919, retratando a bandeira sendo bordada por mulheres

Domínio público/Wikipedia



Campos Sales em pé, Anna sentada, ambos de preto, rodeados pelos filhos

modelo definido para o papel da 'esposa do presidente'. Assim como também não havia programas sociais estruturados sob a liderança da primeira-dama, nem equipe institucional, nem agenda pública autônoma.

Entretanto, um conjunto de expectativas morais, de valores e comportamentos era previsto: a consorte do presidente brasileiro deveria ser exemplo de estabilidade, discrição e virtude doméstica, sendo estes valores da sociedade patriarcal, em que apenas o homem pode exercer o poder em toda a sua amplitude, considerados fundamentais para legitimar um regime político recém-instalado.

Registro revelador

É revelador que um dos registros mais

significativos deixados por Anna Gabriella seja uma carta com orientações à futura ocupante do Palácio, na qual descreve conselhos práticos sobre a organização da residência presidencial, contratação de empregados e rotina adequada.

Em princípio, o documento pode ser considerado apenas como mais um recorte doméstico. Porém, sob uma lente sociológica, trata-se de um testemunho poderoso de como o espaço privado e o espaço público se entrelaçavam, e ainda se entrelaçam, na perspectiva feminina da época.

Sob uma perspectiva moderna feminina, a trajetória de Anna evidencia tanto os limites quanto as relevâncias. Ela não teve espaço para manifestar sua voz política, nem discursou em

palanques ou liderou campanhas. Contudo, sua presença ajudou a moldar o imaginário da mulher que participa do Estado brasileiro.

Atuação silenciosa

Num período em que mulheres sequer votavam, ocupar o espaço de primeira-dama já era, paradoxalmente, estar no centro do poder e, ao mesmo tempo, à margem dele. A participação de Anna Gabriella foi silenciosa, mas fundadora. Ela inaugurou uma posição e abriu as portas para que outras mulheres, ao longo do século XX e XXI, a ampliassem.

Se compararmos Anna Gabriella a a atual primeira-dama, Rosângela Lula da Silva, a diferença revela muito sobre a evolução da sociedade brasileira. Janja assumiu o posto no terceiro mandato de Luiz Inácio Lula da Silva com protagonismo público explícito.

Ela participa de agendas oficiais, articula pautas sociais, fala à imprensa e posiciona-se politicamente. Colabora em ações de combate à fome, cultura e direitos das mulheres. Sua presença não se restringe à administração da residência oficial. Janja transita em fóruns nacionais e internacionais como agente política.

Contrastes

O contraste é eloquente. Enquanto Anna Gabriella operava num mundo em que o poder feminino precisava ser exercido nos bastidores, Janja se expressa em um cenário onde a visibilidade é parte constitutiva do cargo.

Resgatar a memória da primeira-dama campineira é resgatar a importante participação de Campinas como parte da integrante da narrativa nacional. O município foi berço de uma elite cafeeira influente, que ofereceu ao Brasil um presidente e também uma primeira-dama que desbravou um espaço feminino dentro da mais alta esfera do poder político de uma nação.